



UCSAL
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO SALVADOR

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Lourismar de Sena Cunha

Intencionalidade: o poder-ser na Liberdade-Responsabilidade

Salvador

2021

Lourismar de Sena Cunha

Intencionalidade: o poder-ser na Liberdade-Responsabilidade

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Logoterapia e Análise Existencial.

Orientadora: José Luiz Sepulveda Férriz, Licenciado em Filosofia e em Teologia. Mestre em Estudos Avançados em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri (Espanha) e Doutor em Filosofia Ética e Política pela Universidade Complutense de Madri-Espanha.

Salvador

2021

INTENCIONALIDADE: O PODER-SER NA LIBERDADE-RESPONSABILIDADE

Lourismar de Sena Cunha¹

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de analisar e expor o conceito de intencionalidade numa perspectiva heideggeriana à analítica existencial, a possibilidade do ser se abrir existencialmente para o poder-ser numa totalidade e discutir a liberdade-responsabilidade ao sentido de vida desde a logoterapia de Viktor Frankl. Abordada fenomenologicamente, a pesquisa aponta para a condição do ser enquanto ex-sistere. Apresenta a discussão do ser no dasein e suas possibilidades de se colocar autenticamente nas escolhas, mediante a intencionalidade de seus valores. Considerando a liberdade-responsabilidade na busca consciente e aberta a coexistência.

Palavras-chave: poder-ser; intencionalidade; antropologia filosófica; liberdade-responsabilidade; Logoterapia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and expose the concept of intentionality in a Heideggerian perspective to existential analytics, the possibility of being open existentially to the power-being in a totality and to discuss freedom-responsibility to the meaning of life since Viktor's logotherapy Frankl. Approached phenomenologically, the research points to the condition of being as an ex-sister. It presents the discussion of being in the dasein and its possibilities of placing itself authentically in the choices, through the intentionality of its values. Considering freedom-responsibility in the conscious and open search for coexistence.

Keywords: power-to-be; intentionality; philosophical anthropology; freedom and responsibility; Logotherapy.

¹ Graduado em Teologia pelo STBNe – Seminário Teológico Batista do Nordeste (2012); Licenciado em Filosofia pela FAEME – Faculdade Evangélica do Meio Norte (2015); Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio (2018); Especializando em Logoterapia e Análise Existencial pela UCSal – Universidade Católica do Salvador (2020)

INTRODUÇÃO

O artigo assume por tema a intencionalidade numa perspectiva da Daseinanalyse, partido de pressupostos heideggeriano para se alcançar a condição do humano poder-ser ele no âmbito socioexistencial e intercalar a liberdade-responsabilidade conferida a ele fenomenologicamente para assumir a vontade de ser com sentido. A busca aplicar conceitos da analítica existencial conectada a pilares da Logoterapia: conceituar a estrutura da intencionalidade à luz da fenomenologia; condicionar a consciência do ser para aberturar a possibilidade de poder-ser sua individualidade e tratar sua condição existencial da biopsicoespiritualidade dentro da perspectiva de liberdade-responsabilidade.

A luz da fenomenologia, a intencionalidade participa a existência desse ser-ai que convive com a angústia de ser ele mesmo e que se identifica conscientemente ao objeto do querer captando a transcendentalidade deste.

A Logoterapia e Análise Existencial diante da percepção fenomenológica-existencial do homem, que busca um lugar de realização existencial que o aproxime de uma vida com sentido, encontra na possibilidade de encontrar-se axiologicamente conciliado a uma vontade de sentido que o identifique como melhor resposta à vida.

Este trabalho procura entender o ser-no-mundo em busca de sentido, intercalado com a dinâmica de poder exercer a individualidade consciente de seu existir. O ser, ontologicamente se apropriando dos entes que se identificam, compreendendo-se enquanto unidade e totalidade.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória, através de uma revisão de literatura, pesquisando autores com base teórica com base na daseinanalyse, antropologia filosófica e psicologia fenomenológica-existencial.

Neste artigo são abordados, inicialmente, a o ser enquanto ex-sistente é possibilidade de questionamento e aplicabilidade única no existir. Em seguida, discute a intencionalidade como processo subjetivo de consciência dos entes correlato ao objeto que se lança. Por fim, é ressaltada a psicoterapia do sentido como caminho construído com liberdade-responsabilidade de seus atos.

PODER-SER NO MUNDO

Dentro de uma perspectiva fenomenológica-existencial o cotidiano do ser tem no Dasein o jeito particular de ser. Ontologicamente o homem se abre para a vida onde os entes se mostram e esse se coloca existencialmente como poder-ser.

Ao falar de ser, Heidegger discute a existência dinâmica remetendo-se a uma análise sobre o *dasein*. Segundo Nascimento (2007), “O Dasein é um ente que, na medida em que participa da jornada da existência, está em jogo – *es geht um*. E estar em jogo, aqui, significa projetar-se para o poder-ser mais próprio”. O mundo em que circunda o ser é parte integrante dele desde, a relação autêntica com o fenômeno é basilar para definir sua trajetória constitutiva, ou seja, o ser é ser enquanto o mundo o fizer “ser sendo” (p.14).

No âmbito da *daseinanalyse* o psiquismo é pensando fenomenologicamente no ato de conceber o existir humano e seu mundo. O ser humano diante da facticidade, da possibilidade vir-a-ser existencialmente outro em si mesmo,

Ele não vem de “fora” nem de “dentro”. Cresce a partir de si mesmo como modo de ser-no-mundo (...). O estado de humor não remete de início, a algo psíquico e não é, em si mesmo, um estado interior que, então, se exteriorizasse de forma enigmática, dando cor às coisas e pessoas (...) é um modo existencial básico da abertura igualmente originária de mundo (...). (HEIDEGGER, 2006, p. 196)

Na perspectiva filosófica de Heidegger, o ser a partir de seu ente, abre-se a possibilidade de questionar a existência e por meio dessa “se perceber” no mundo. Esse ser no mundo subentende-se fenomenologicamente como unidade, partes que se somam e se expressam no Dasein. O humano é um ser-no-mundo que com suas vicissitudes, angustias e capacidade de entendimento de seus entes no percurso de compreensão existencial.

Na construção desse ente, considerando os pressupostos dialogais com o mundo, Nascimento (2007) perfaz sua caminhada sobre o olhar Heideggeriano dizendo:

O Dasein, em seu ser, sempre precede a si mesmo. Em outras palavras, ele está sempre a caminho de si mesmo. O preceder a si mesmo é o primeiro elemento constituinte do fenômeno. Ou melhor, configura o núcleo mesmo do fenômeno – que será mais adiante descrito na expressão: preceder a si

mesmo por já ser em [o mundo] como ser junto a [os entes que vêm ao encontro no mundo]. O preceder a si mesmo não se refere a um sujeito isolado do mundo, protegido por uma redoma ou solto no ar. De acordo com a análise fenomenológica em pauta, o Dasein precede a si mesmo em um mundo, por já ser-no-mundo. Ser-no-mundo é uma constituição necessária e a priori do Dasein, enquanto ex-sistente (p257).

No nível ôntico, esse dialoga sua existência atreladas a sua individualidade num contexto social, cultural, psicológico. No nível ontológico esse se encontra em sua dinâmica de existir e se permite ir além, fenomenologicamente se vê diante de si mesmo. Logo, quando falamos do ser no mundo, é fundamental trazer à tona a investigação fenomenológica de Martin Heidegger, filósofo existencialista, que remonta sua discussão pautada em três pilares: o “ser”, o “mundo”, e o “em”. Segundo Barbosa (1998), o ser que existe precisa ser compreendido,

O mundo em que o ser é, o quem que é no mundo, e o modo de ser-em em si mesmo (...). A própria análise, na verdade, demonstra essa unidade, pois o "mundanidade" só se deixa caracterizar mediante uma compreensão do ser para quem existe um mundo, o ser que é-no-mundo, por sua vez, só se revela a partir de sua "morada" (o mundo), e a relação de ser-em pressupõe a compreensão dos termos que se relacionam no modo do "em". Em suma - e isso é fundamental para se compreender a ideia de ser no mundo em toda sua profundidade -, a explicitação da estrutura da pre-sença já traz consigo o desvelamento do mundo e vice-versa (p.04).

Com efeito, é necessário distinguir diversos sentidos da palavra “mundo”. Heidegger mostra que, para o propósito da analítica existencial, a palavra mundo é polissêmica, daí a necessidade de se esclarecer tal significado. Quando é dito ser-no-mundo é importante considerar no pensamento heideggeriano a polissemia da palavra “mundo” aos significados, uma vez que partindo de pressupostos analítico-existenciais é fundamental compreender o termo para concepção ontológica ao ser-ai:

1. Mundo é usado como um conceito ôntico, significando, assim, a totalidade dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo;
2. Mundo funciona como termo ontológico e significa o ser dos entes mencionados no item 1. ‘Mundo’ pode denominar o âmbito que sempre abarca uma multiplicidade de entes, como ocorre, por exemplo, na expressão ‘mundo’ usada pelos matemáticos, que designa o âmbito dos objetos possíveis da

matemática; 3. Mundo pode ser novamente entendido em sentido ôntico. Nesse caso, é o contexto 'em que' um ser-aí fático 'vive' como ser-aí, e não o ente que o ser-aí em sua essência não é, mas que pode vir ao seu encontro dentro do mundo. Mundo possui aqui um significado préontologicamente existenciário. Deste sentido, resultam diversas possibilidades: mundo ora indica o mundo 'público' do nós, ora o mundo circundante mais próximo (doméstico) e 'próprio'; 4. Mundo designa, por fim, o conceito existencial-ontológico da mundanidade. A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se, cada vez, no conjunto de estruturas de 'mundos' particulares, embora inclua em si o a priori da mundanidade em geral. Terminologicamente, tomamos a expressão mundo para designar o sentido fixado no item 3. Quando, por vezes, for usada no sentido mencionado no item 2, marcaremos este sentido, colocando a palavra entre aspas, 'mundo'. (HEIDEGGER, 2006, p. 112)

A fenomenologia evidencia-se como um processo que se apropria de experiências subjetivas no cotidiano para se chegar às coisas “como elas mesmas”. A noção de ser traz em si, conteúdos existencialistas que são próprias de pensamentos intelectuais de sua época. Enquanto o existencialismo pensa o homem como sendo o que ele é, reconstruindo sua vivência a partir das decisões que toma, a fenomenologia se apropria dessa “caminhada subjetiva” observando a manifestação de ser-no-mundo.

Partindo de uma constituição ontológica da ser, a finalidade é como ser-no-mundo encontrar “lugar original” no tempo vivido. O ente no ser direciona-o a facticidade de sua presença. Partindo da condição de impropriedade, o ser sempre estará na possibilidade de poder-ser, se apropriando fenomenologicamente do dasein. O ser, podendo ser ele com intencionalidade, redescobre-se como unidade e totalidade. Portanto, mediante construção de sua existência, o homem vai se realizando na capacidade de poder-ser a partir da abertura pro mundo.

O ser a partir do Dasein sempre busca relacionar o existir em função de um poder-ser. Projetando em possibilidades do ser ir além do que é posto no presente:

Em seu ser, a presença já sempre se conjugou com uma possibilidade de si mesma (...) já sempre antecedeu a si mesma. A presença já está sempre 'além de si mesma', não como atitude frente aos outros entes que ela mesma

não é, mas como ser para o poder-ser que ela mesma é. (HEIDEGGER, 2006, p. 258-259)

O processo de construção do ser requer compreensão do movimento fenomenológico no cotidiano. Existir e não ir se apropriando de experiências que nos redefine momentaneamente, reverbera em questões angustiantes sobre o viver em contato com a liberdade de ser. Pesquisando o homem em seus efeitos frente à angústia na literatura Kierkegaardiana, Abbaganano (1996) considera que “a angústia desperta o homem para a possibilidade de ser livre, e que ela ocorre frente à percepção de que o futuro não é determinado, que há possibilidades de escolha e, portanto, liberdade”.

O Dasein proporciona ao ser a liberdade para assumir responsabilidade no modo de viver, o fazer-se humano no cotidiano com impessoalidade, se apropriando de uma identidade mais segura de si. A transição do ser numa abertura ao poder-ser ele sintonizado existencialmente em seu tempo vivido.

A INTENCIONALIDADE NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

A luz da fenomenologia, a intencionalidade é parte significativa de uma consciência que conduz um sujeito a ir de encontro com seu psiquismo. Dentro de um espaço intencional o sujeito se identifica objetivamente e conscientemente se percebe ligado ao conteúdo da consciência. A intencionalidade proporciona clareza às ideias mediante conhecimento fenomenológico dos atos de consciência e desse é possível captar o caráter subjetivo e transcendental de uma escolha. Kahlmeyer-Mertens (2012) citando Heidegger diz:

A noção de intencionalidade, sobre a qual a fenomenologia se apoia, se edifica tendo em vista a correspondência que uma figura de consciência sempre possui com o fenômeno que objetivamente se lhe encontra correlato, mas que, por sua vez, também só se constitui em meio ao acontecimento da intencionalidade (p. 871)

Na filosofia heideggeriana o ser-ai uma consciência que percebe o campo objetual se abrindo a partir da intencionalidade revelada. Esse compreende a existência no dinamismo do ser-no-mundo que o interpreta analiticamente se realizando nele. Os

fenômenos mundanos que correlacionados aos entes que se manifestam. Para ele, sempre há uma abertura para o encontro com os entes, uma forma de “estar-aqui” e já sempre um “ser-junto-a”, um junto ao ente. Seria um manter-se aberto pra experiência de existir, se envolver com o encontrar que se estabelece no devir. Um ser- consciência-de, fenomenologicamente presente em si.

A fenomenologia pertence em certo sentido o ato de vontade, de não se fechar contra este envolver-se. O envolver-se também nem de longe quer dizer meramente um tornar-se consciente de meu modo de ser. Eu só posso então falar de tornar-se consciente, se eu quero tentar determinar como este nosso originário ser-junto-a... se conecta com outras determinações da presença [Dasein]. (HEIDEGGER, 1987, p. 143)

Na antropologia filosófica de Scheler, pensamento de desenvolvimento consistente das pretensões ontológicas da filosofia torna-se possível partindo da intencionalidade humana onde descobre a si mesmo como centro de relações abrangentes que o põe diante da totalidade do mundo. Esse o ser capaz de questionar sua existência e recondicionar ela. Assim, o saber é uma relação ontológica que pressupõe as formas ontológicas do todo e da parte. A relação unitária entre ser e pensar que envolve a participação cognitiva com a totalidade possibilita pensar o ser humano como um mundo pequeno com dimensões interconectadas.

Numa perspectiva da atividade cognitiva da filosofia, Scheler acreditava que o ser humano por experimentar a totalidade do mundo, possui uma abertura de mundo frente a sobreposição dos impulsos vitais a partir da vontade. Uma vez que esse é o “fator dinâmico” que resiste a evolução natural à vida, é um fenômeno que extrapola os limites da esfera vital. A vida é uma grande manifestação atípica e carrega o enigma de ir além, transcender os próprios conceitos e condicionamentos à excepcionalidade da metafísica da essência humana. Logo, o homem é um sujeito que extrapola a objetividade de sua circunscrição no mundo, sendo o ser fenomenológico de intencionalidades no espaço-tempo. Segundo Xausa:

Em Scheler encontra-se o gérmen de um personalismo em psicologia e de um humanismo em psicoterapia. A visão antropológica de Scheler, que considera o espírito como centro da pessoa e esta como um ser aberto ao mundo, representa o cerne da teoria psicológica frankliana, sobre o qual se

apoiarão a criação do inconsciente espiritual, o estudo da transcendência da consciência e especificação da autotranscendência da existência humana (p. 73).

Níveis ontológicos formam uma hierarquia de determinações categoriais da matéria orgânica a um patamar mais elevado do espírito. A dimensão ontológica do conhecimento pensada como a filosofia ligada a totalidade do ser, numa correlação entre ato intencional e fenômeno intencionado, pode ordenar que o gênero humano estabeleça relações com diferentes regiões ontológicas.

Algo quando representado de modo vazio, intuído de uma consciência, vem como coincidência na intencionalidade. Seria uma “dirigir-se” a identificação para uma concepção plena e em sua realização intencional a identificação cumpre um esclarecimento:

Evidência é o ato de identificação [Identifizierung] que se compreende a si mesmo como tal; o compreender-se é dado com o ato mesmo, porque o sentido intencional do ato intenciona algo de idêntico enquanto idêntico [etwas Selbiges als Selbiges] e, com isto, com o seu intencionar, eo ipso se clareia [erhellte] a si mesmo. (HEIDEGGER, 1995, p. 108)

Fenomenologicamente, à medida que o ente concebido enquanto ente, significando-o na perspectiva do ser, esse estar-aberto [Offenstehen] para o ente vigente. Esse ser-aí relacionado aos fenômenos apresenta-se com o caráter de poder-ser. Tendo na existência abertura para possibilidades deste ser intencionalmente ele. O ser-aí, tal como pensando por Heidegger, conserva a correlação intencional. Tal estrutura da intencionalidade na analítica existencial é significativa na psicologia em bases fenomenológicas.

A LIBERDADE-RESPONSABILIDADE NA POSSIBILIDADE DE UMA EXISTÊNCIA COM SENTIDO

A Logoterapia, enquanto sistema psicológico representa uma visão de homem no mundo bem delineada sobre sua livre existência. Para Frankl, a vida passa a ter um sentido quando esse dialoga com sua capacidade de liberdade-responsabilidade. É fundamental que o homem busque um lugar de realização existencial.

Ontologicamente, o homem busca encontrar-se axiologicamente que seja significativo, o ser representado com sentido em seu mundo é a conquista humana conciliadora com seu tempo. Uma existência com sentido que seja próprio do indivíduo reforça a capacidade de lutar por viver gratificado na condição de existir em si.

“se o homem quiser ser fiel à sua humanidade, deve obedecer, incondicionalmente, à própria consciência, ainda que saiba da possibilidade de erro. Eu diria que a possibilidade de errar não o dispensa da necessidade de tentar”. (FRANKL, 2011, p. 85)

A vida, para Frankl, não parte e nem finaliza num *modus operandi* fixado comum para todos. Se há alguma lógica no viver de cada indivíduo seria pautar sua existência na liberdade de existir, fazer valer a pena a possibilidade de ser exatamente como se percebe e pretende construir-se como uma “missão pessoal” de si. Trata-se de um dever-ser que possibilite uma vida digna de ser vivida, onde sua responsabilidade seja concreta e sua essência de vida evidenciada. Responsabilidade, para Frankl, é se encontrar dono e condutor de suas escolhas, capaz de assumir sua existência essencialmente sustentada na individualidade administrada. Nesse sentido, é pensar eticamente sua liberdade não dissociada de sua singularidade axiológica.

O fim da consciência é a transcendência, enquanto a liberdade nos transporta a responsabilidade. A liberdade é essencialmente transponível quando o ser discute um “porque ser livre” ao “para que”. Ser senhor de sua vontade o condiciona a existir responsabilmente pelo presente que caminha e futuro que vem a ser construído.

No sentido heideggeriano, o homem busca um “estar aqui” responsável pelo existir de si que não o desloque de ser ele próprio, isto é, verdadeiramente ser mais que o fluxo dos impulsos, mas de escolhas que o defina caracteristicamente como o “ser responsável de si”:

Chamamos existência ao próprio ser com o qual o ser-aí pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se comporta de alguma maneira. Como determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quiditativo, já que sua essência reside, ao contrário, no fato de dever sempre possuir o próprio ser como seu,

escolheu-se o termo ser-aí para designá-lo enquanto pura expressão de ser.
(HEIDEGGER, 2006, p. 48)

O homem enquanto ser espiritual é pensado antropologicamente por Frankl como unidade orgânico-espiritual. A pessoa, pensada existencialmente, é dotada de atos intuitivos, intencionais e conscientes, subentendendo-se como um ser mais que racional. Frankl, ao pensar o ser categoricamente no imperativo de responsabilidade, dignifica-o como capaz de ultrapassar o “vácuo do relativismo dos valores universais” pautados na limitada capacidade de postular somente os condicionais à sobrevivência. Esse transcende, busca integrar sua existência a sua essência. Trata-se de questionar sua temporalidade no *modus vivendi* que o direcione seu pensamento a um sentido de existência humana para além de uma ética subjetivista que prescindia de valores.

O processo de autotranscendência humana é um integrador à sua mais-que-natural condição existencial. É uma revalorização de uma eticidade da pessoa capaz de superar os reducionismos antropológicos, recolocando existencialmente como protagonista de sua historicidade. A proposta logoterapêutica de Frankl é que o homem biopsicossocialmente possa validar-se para além da mera condição humana. Isto é, autocompreender sua existência a partir da transcendência... perceber indo além do eu, algo distinto de si!

Pois bem, essa atitude *eo ipso* já não pode ser objeto de uma das ciências indicadas; ela se subtrai a qualquer abordagem desse tipo, realiza-se numa dimensão à parte. Além disso, tal atitude é essencialmente uma atitude livre; em última instância, é decisão. E, se ampliássemos nosso sistema de coordenadas com a última dimensão possível, então esta consistiria no que sempre é possível, graças à liberdade da atitude pessoal: trata-se da mudança existencial. (FRANKL, 1995, p. 93)

O homem, em sua vontade livre de querer humano, previamente introduz-se inclinado para encontrar valor, um dever ser. A capacidade de atribuir ao ser a experiência de uma história concreta e única. Se o *Dasein* heideggeriano está sempre numa determinada disposição afetiva, de modo que os entes podem “tocá-lo” de alguma maneira, pode, então, o ser humano, eleger possibilidades, valorizando-as. A noção de cura como integração entre anteceder-se, facticidade e ser-junto é entendida por Borges-Duarte (2010) como “tensão vital”; já em Frankl, a

tensão é relativa ao sentido, que pode ser pensado, em paralelo com a cura, como antecipação em algum sentido (futuro), a partir de um contexto valorativo (passado), e relação com os demais entes (presente), conforme o sentido projetado.

O humano é ser de possibilidades, nele há indeterminação e liberdade. Frankl fala de um sentido que muda de pessoa para pessoa e a cada momento. No Dasein heideggeriano traz sempre uma disposição afetiva em que os entes podem “tocá-lo”, e nesse processo a “noção de cura” insurge como integração desse ser. Esse ser do homem se apresenta poder-ser:

Existir humano, em seu fundamento essencial, nunca é somente um objeto que ocorre em algum lugar, e, desde já, não é nenhum objeto fechado em si. Antes, consiste este existir, de “puras e simples” possibilidades de recepção-percepção [Vernehmungsmöglichkeiten], não captáveis de modo óptico, tátil, direcionadas para o que se lhe dá a encontrar a modo de apelo [auf das ihm sich zuspärsichende Beggende]. (HEIDEGGER, 1987, p. 3)

Concentrado na vivência de valores, Frankl pensou a Logoterapia como um “diálogo do eu no mundo” superando as limitações padronizadas do tratamento existencial da individualidade do ser. O contato autêntico com valores que sejam primordiais na constituição desse ser são retrabalhadas como consciência por hora “desfocada”. Isto é, encontrar sentido é reflexo de uma busca constante por aquilo que é parte integrante desse ser biopsicossocioespíritual, achar significado entre os valores que são meus e os que foram perdidos durante as circunstâncias do existir. Pra isso, a Logoterapia retoma o convívio do ser e sua busca pela liberdade genuína.

Pra isso, a liberdade de vontade é basilar na recolocação desse ser no seu locus vivendi. Uma vez que o homem é entendido como um ser livre de ser condicionado, nunca predeterminados e nem concluídos, tem a liberdade como caminho a responsabilidade. Logo, o indivíduo é gabaritado de responsabilidade sobre o sentido que o realiza, tanto quanto dos valores que o dão significado a seu existir.

A vontade de sentido está ligada a autotranscendência. O indivíduo sempre aponta para algo além dele, um algo que o destine a um objetivo que não seja minimamente a si mesmo, mas direcione-o para um sentido que os convoca. Segundo a ética dos valores, Frankl entende que o ser deve se apropriar daquilo que deveras seja essencial nas ações frente àquilo que existencialmente esta sendo indagado. A

objetividade do que é valor ao ser, deve ser respondido objetivamente a ponto de existirem qualidades axiológicas autênticas.

Para Frankl, esses valores vão conscientizando o indivíduo da realização de sentido em unicidade com sua existência. Na liberdade da noodinâmica, a partir da tensão entre o ser e dever ser que busca evidenciar-se fora dos predeterminismos, o ser quer experienciar com sentido a liberdade do querer vir a ser. Aqui, a liberdade humana é uma liberdade da facticidade para a existência... O ser autotranscendendo a um outro apropriando de seus valores.

Entendo que um dos atributos essenciais do ser humano consiste em achar-se num campo de tensão, entre os dois polos do ser e do dever-ser, em visar o sentido e os valores (...) a dinâmica que se estabelece no campo de tensão (...) denomina-se noodinâmica. (FRANKL, 1986, p. 98)

Os valores criativos, vivenciais e de atitudes possibilita o homem encontrar sentido de vida que apontam para uma mais elevada experiência existencial. Esses valores dizem respeito ao modo de agir no mundo realizando a liberdade através da atualização de seu “ser-responsável”.

Antropologicamente, a noção de liberdade para Frankl remete-nos a ética como subjacente a Logoterapia. Ora, o “espiritual objetivo” na Logoterapia se configura como o mundo do dever ser, que em sua face de valor, se mostra digno de vir-a-ser. o sentido que esse homem busca é encontrado como parcela de valor único e irrepetível de cada situação. Um valor ético formal é uma condição referencial a outras valorações, mas não responsável pela individualidade delas. A responsabilidade de “ser livre responsavelmente” na Logoterapia constitui, de certo modo, o lado subjetivo – do lado objetivo encontram-se os valores, sua escolha, seu ser existencializado com sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste artigo despertou grande curiosidade, especialmente, sobre a “permeabilidade do ser” no que confere existencialmente ele se abrir pra possibilidade de ser-no-mundo sua “expressão genuína” em comunicação com os entes, bem como o diálogo com a antropologia filosófica que retrata o humano

ontologicamente conectado a uma totalidade e inferência na vida além de condicionantes. Esse ser-ai que participa da existência ciente do mundo que o circunda as partes integrantes de sua trajetória constitutiva perfaz um dialogo considerável sobre a dinâmica de ser.

No transcorrer do artigo foi se permitindo saber que o homem consciente de temporalidade, reidentificando fenomenologicamente os entes, apresenta uma capacidade correlacional de construir sua existência com a potencialidade de projetar seu próprio ser sem as amarras dos padronamentos socioexistenciais. Diante desse conhecimento, o homem no seu espaço-tempo tem por finalidade ir em busca do vir-a-ser e não admitir-se inquestionador de seu processo de abertura. Ao se colocar relacionado aos fenômenos que se apresenta, esse tendo clareza que a intencionalidade lhe permite vai se assumindo enquanto ex-sistente.

A Logoterapia perfazendo sua caminhada ao homem que intenciona sentido à sua existência recoloca esse dentro de seu locus vivendi a liberdade de escolher a partir de uma vontade que o transcende aos limites biopsíquicos. Por intermédio dos recursos noéticos esse homem uma vez que se conecta a dimensão espiritual percebe-se livre de condicionantes, logo é gabaritado de ser responsável por “se conduzir” a um significado existencial.

Esse trabalho teve um caráter exploratório de apresentação e conceituação do tema. Abre um leque de oportunidades para desenvolvimentos teóricos com outras abordagens e perspectivas no futuro, e também para possíveis pesquisas de campo que contextualizam melhor as possibilidades de vir-a-ser axiologicamente sua livre condição de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Diccionario de Filosofia**. 13 ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.

BARBOSA, MÁRCIO F. **A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia**. *Psicol. cienc. prof.*, 1998, vol.18, no.3, p.2-13. ISSN 1414-9893. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2021.

BORGES-DUARTE, I. (2010). **A fecundidade ontológica da noção de cuidado: de Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo**. *Ex Aequo*, 21, 115-131.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. Tradução Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas** (J. Santos, trad.). Campinas, SP: Psy II, 1995.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 1986.

_____. **Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas** (J. Santos, trad.). Campinas, SP: Psy II, 1995.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 1986.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2006.

_____. **Seminários de Zollikon**. Editado por Medard Boss, Edição Brasileira: ABD, Educ, Vozes, 2001.

_____. **Logic - The Question of Truth**. Indiana: Indiana University Press, 2010.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **Intencionalidade: estrutura necessária a uma psicologia em bases fenomenológicas**. Rio de Janeiro, 2012, Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 12 n. 3 p. 867-882.

NASCIMENTO, DANIEL ARRUDA. **Ipseidade e alteridade em Heidegger e Kierkegaard**. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação de Mestrado – Departamento de

Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2021.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1988.